



CONBRACE
CONICE 2021
DE 12/09 A 17/12

Educação Física e
Ciências do Esporte
no tempo presente:

Defender Vidas,
Afirmar as Ciências

TIRANIAS DA VISIBILIDADE: IMAGENS DO CORPO DOS ADOLESCENTES NAS REDES SOCIAIS¹

Wanessa Ferreira de Sousa,

Secretaria Municipal de Educação de Aparecida de Goiânia; COEESA; PPGE/UFG

Tadeu João Ribeiro Baptista,

Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)

RESUMO

Este artigo objetiva analisar o compartilhamento de imagens do corpo dos adolescentes, refletindo sobre visibilidade e subjetividade na sociedade contemporânea, tendo como metodologia uma pesquisa com observação participante em Redes Sociais. Os resultados apontam que estas redes além de permitirem comunicação entre as pessoas, também se tornaram um local de autoexposição corporal. A conclusão é que a visibilidade se tornou um modo de produção de si que atenda padrões esperados por espectadores.

PALAVRAS-CHAVE: Corpo; Imagens do Corpo; Visibilidade; Adolescentes; Redes Sociais.

INTRODUÇÃO

Este estudo propõe compreender como o Corpo, sinônimo de nossa existência e ao mesmo tempo de nossa relação com o mundo vem se fazendo visível ao longo da História. Para tratarmos dos modos de visibilidade e subjetividade na contemporaneidade, abrangeu-se o compartilhamento de imagens do corpo dos adolescentes através das autoexibições e/ou *selfies*, que acabam por oferecer pistas a respeito da formação das subjetividades, de sua forma de ser/estar no mundo seja ele real e/ou virtual, uma vez que, a observação do corpo nas redes sociais ajuda a refletir sobre os modos de visibilidade e, por sua vez, a subjetividade em nossa sociedade.

MODOS DE VISIBILIDADE E SUBJETIVIDADE NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

Vive-se em uma sociedade determinada pelo modo de produção capitalista, no qual existe algumas pessoas que detêm os meios de produção e outras que precisam dispor de sua força de trabalho para sobreviver, possuir alguns bens, consumir produtos que atendam às

¹ O presente trabalho não contou com apoio financeiro de nenhuma natureza para sua realização.



suas necessidades, e ‘se conectar’. Destaca-se que as pessoas passam grande parte do seu tempo ‘navegando’ e se relacionando nesses ambientes virtuais.

A busca por estar na moda, se enquadrar em um padrão de consumo e a necessidade de se mostrar como o homem-anúncio itinerante dentro deste universo midiático, despertou o interesse de alguns estudiosos a identificar alguns dos problemas da sociedade massificada: “porque tal sociedade é essencialmente uma sociedade de consumo em que as horas de lazer não são mais empregadas para o próprio aprimoramento ou para a aquisição de maior *status* social, porém para consumir cada vez mais e para entreter cada vez mais” (ARENDR, 1997, p. 264).

Sabe-se que a evolução tecnológica e o uso da internet por meio dos aparelhos móveis, trouxeram muitos avanços e tensões. Pode-se citar como exemplo os pais da atualidade que normalmente precisam estar ‘conectados’ às novas tecnologias para desenvolverem os seus trabalhos, enquanto seus filhos, por sua vez acabam tendo acesso à tecnologia, aos aparelhos móveis (como tablets, celulares, *smartphones*) conectados à internet, logo às redes sociais, também como uma forma de comunicação entre si cada vez mais cedo.

A adolescência é uma fase de grandes transformações, na qual se desenvolve a subjetividade de criança para se tornar adulto, e em contrapartida, há necessidade de adaptação à realidade. Através das redes sociais eles buscam, entre outros motivos, o pertencimento e a aceitação através de suas postagens, e na maioria dos casos, fazendo compartilhamentos das imagens dos seus corpos.

A proposição da pesquisa pelo compartilhamento das imagens corporais dos adolescentes nas redes sociais, foi baseada em Codo e Senne que trazem o mote do culto ao corpo, denominando-o de corpolatria, afirmando “[...] a marca mais evidente da corpolatria é o narcisismo [...] que passou a significar sinônimo de bem-estar consigo mesmo” (1984, p. 15). Assim, é possível indagar se esta exposição nas redes sociais traz realmente um sentimento de bem-estar ou se torna uma forma de pertencer à sociedade, considerando as múltiplas determinações do objeto, porquanto, além de se encontrar um compartilhamento acentuado do corpo dos adolescentes também se identificou uma busca para apresentar determinados padrões de corpo.

Aqui pode-se refletir a respeito das Tiranias da Visibilidade, sobre o visível e o invisível nas sociedades contemporâneas: “Poder-se-ia dizer que o visual – ou a imagem hoje

– é o que nos envolve sem, no entanto, nos conter nos limitar: a imagem nos levaria a ser visto sem ser olhado, nem reconhecido” (HAROCHE, 2013, p. 107). Para fundamentar a discussão no que diz respeito ao uso das imagens, Haroche completa que para se fazer existir aos olhos da sociedade: “[...] para provar um sentimento de existência, é preciso agora ser visto por meio de imagens, se exibir o máximo possível e, para isso, oferecer constantemente imagens de si: estar presente, ser conhecido, até mesmo famoso, por meio de imagem” (IBIDEM, p. 86).

IMAGENS DO CORPO DOS ADOLESCENTES EM REDES SOCIAIS

Esta pesquisa foi feita por abordagem qualitativa através de observação participante, tendo como campo as redes sociais com uma amostra de doze pessoas. Após as análises das imagens, os participantes responderam a uma entrevista semiestruturada com as seguintes perguntas: 1) Qual o principal motivo que o/a levou a criar uma conta nas redes sociais? 2) Por que gosta de usar filtros/edições em suas fotos? 3) Qual é a sua intenção quando posta *selfies* e/ou fotos de si mesmo/a tiradas por outros? Desta forma, os participantes citaram os motivos da criação de contas nas redes sociais:

“Foi para me manter conectada com as pessoas distantes, ficar atenta com as coisas que acontecem e postar minhas fotos.” (Participante T)

“Foi um meio de comunicação para mim manter informada de algumas coisas... e eu poder interagir com pessoas que estão distantes.” (Participante L)

Os/as participantes reforçaram em suas respostas a ideia da necessidade de se conectar, principalmente com pessoas que se encontram distantes, admitindo que mesmo que “[...] o sujeito se constitua *no olhar* do outro, só pode se desenvolver, se consolidar ao mesmo tempo *longe do olhar*” (HAROCHE, 2013, p. 94). Ademais: “A visibilidade seria sinônimo de legitimidade, de utilidade, garantia de qualidade de um indivíduo: a frequência, a quantidade, até mesmo a continuidade, da visibilidade o valorizariam” (IBIDEM, p. 102) e, ao contrário, a invisibilidade é sinônimo de inexistência.

Pela pesquisa de observação, identificaram-se alguns tipos de postagens mais frequentes:

a) *Selfies* dos rostos – maquiagem, filtros e edições: Quando os/as participantes postaram fotos de seus próprios rostos, era nítido que tinham passado por algum retoque. Quando questionados/as sobre sua intenção, as respostas foram:

“Quando fica show, acho que merece ser vista também... mostrar minha beleza, minha alegria.” (Participante L)

“Não tem uma real intenção, gostei da foto, achei bonita eu posto, e também as pessoas acabam achando, então é pra isso também.” (Participante D)

Aqui se destaca que apesar de se acharem bonitos/as os/as participantes não postaram fotos no seu estado natural. No geral, mostram as fotos nas quais se sentem belos/as, além de que é importante que seus amigos também achem, ou seja, é o reforço da beleza através das curtidas e dos comentários: “Todavia existe também toda uma série de produções de si na internet que estão totalmente nesse nível de aparência [...]” (AUBERT, 2013, p. 121).

b) Fotos/*selfies* de corpo inteiro – Adequação aos padrões de corpo: O corpo belo em nossa sociedade hoje tem como referência mais de um padrão: corpo exclusivamente magro, magro e definido, magro e muito musculoso. Mesmo que recentemente tenha aumentado o espaço para modelos *Plus Size*, aos olhos da sociedade os corpos magros ainda são mais admirados, uma vez que as mídias e as publicidades vendem a ideia de que o corpo belo é o corpo saudável.

Quando estão bem com o corpo, os adolescentes analisados fazem mais postagens se mostrando por inteiro; quando não estão satisfeitos, eles se limitam a mostrar o rosto, raramente tiram fotos sozinhos, ou se tiram não compartilham, pela insegurança quanto à reação dos seguidores nas redes sociais. Quando a participante L foi questionada sobre a satisfação com seu corpo, ela disse: *“Quando eu estava gordinha não [...], mas hoje eu sou bem satisfeita com meu corpo, hoje eu sou satisfeita.”*, mesmo assim, afirmou que se pudesse se submeteria à cirurgia plástica, principalmente para colocar silicone.

c) Erotização – sensualidade e exposição do corpo: Atualmente nas redes sociais a primeira coisa a se ostentar é o corpo. De acordo com Haroche “[...] o ser e o ter tendem a ser indistintos, ‘mostrar o que se tem’ é, então mostrar ‘o que se é’” (2013, p. 96). É bem comum encontrar fotos erotizadas dos adolescentes se insinuando com expressões faciais, poses sensuais ou trajando roupas que deixam parte do corpo à mostra. Os meninos, aparentemente, com o objetivo de excitar compartilham fotos apenas de cueca ou enrolados na toalha.

Recentemente os aplicativos trouxeram um recurso no qual a imagem postada fica visível por apenas 24 horas, depois desaparece (no *WhatsApp* se chama *status*, no *Facebook* e *Instagram* se chama *story*). Tal ferramenta reforça a ideia de que o indivíduo precisa estar conectado para não perder as notificações das novas postagens. As fotos erotizadas são postadas neste formato, algumas vezes os adolescentes ainda acrescentam um *emoji*

correspondente ao fogo, passando a mensagem que alguém precisa apagar o incêndio. Isto acaba incitando uma possível precocidade na vida sexual, observada em casos de gravidez na adolescência na rotina escolar. A sensação de liberdade sem pudor é uma verdade vivida por este público, mesmo não estando preparados para assumir as consequências. Na perspectiva do *homem-instante*: “[...] que vive no ritmo do instante presente, passando de um desejo a outro num saltitar e numa impaciência crônicos, que são a expressão de uma incapacidade de se inscrever não apenas no menor projeto, mas igualmente numa continuidade de si” (AUBERT, 2013, p. 116).

d) Formação de subjetividade – imagens compartilhadas moldam características: Questionando-se como as imagens compartilhadas podem moldar características físicas e comportamentais, as quais podem influenciar a formação da subjetividade, percebeu-se que na sociedade contemporânea, as pessoas viraram escravas da aprovação de suas aparências: eu sou belo/a, mas não basta eu me achar, eu preciso da aceitação das pessoas que olham. É uma constante exposição que vai acomodando a aparência física e o comportamento, inclusive por meio de críticas passíveis de provocar sofrimento. Para Aubert: “[...] na época contemporânea, a imagem é a coisa, chega a ser mais que a coisa: o que *sou* é absorvido pelo que *pareço*. Mas ainda, o que pareço, o *look*, ocupa pouco a pouco as camadas profundas da pessoa” (AUBERT, 2013, p. 121).

À GUIA DE CONCLUSÃO

O movimento de desenvolvimento da sociedade, devido ao capitalismo, acelerou o cotidiano dos indivíduos e trouxe a sensação de tempo reduzido. Com a necessidade de se apropriar ao máximo do espaço-tempo, o consumo da internet, e logo das redes sociais, foram aliados para tentar encurtar as distâncias entre as pessoas, economizando o tempo de deslocamento. Entretanto nestes ambientes virtuais, os indivíduos perceberam não apenas uma possibilidade de comunicação, mas um local de auto exposição de suas imagens.

As imagens do corpo, independente da época, estiveram ligadas a ideia do Belo e, apesar dos padrões de beleza corporal terem sofrido modificações e influenciado a formação das subjetividades dos indivíduos, diferenciando-se os recursos usados para alcançar tal modelo de beleza, mesmo que efêmera. Assim, a visibilidade na sociedade contemporânea, principalmente nas redes sociais, se tornou uma forma de produção de si, fazendo a imagem

do corpo um objeto utilizado para compor esse cultivo, almejando atender as expectativas dos espectadores, mas sem preparar o indivíduo, em especial os adolescentes, para tolerar a frustração de não corresponder às exigências dos modelos beleza.

TYRANIES OF VISIBILITY: IMAGES OF THE BODY OF ADOLESCENTS ON SOCIAL NETWORKS

ABSTRACT

This article aims to analyze the sharing of body images among adolescents, reflecting on visibility and subjectivity in contemporary society, using a research methodology with participant observation in Social Networks. The results show that these networks, in addition to allowing communication between people, have also become a place of bodily self-exposure. The conclusion is that visibility has become a way of producing itself that meets the standards expected by viewers.

KEYWORDS: Body; Body Images; Visibility; Adolescents; Social Networks.

TIRANÍAS DE LA VISIBILIDAD: IMÁGENES DEL CUERPO DE ADOLESCENTES EN LAS REDES SOCIALES

RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo analizar el intercambio de imágenes corporales entre adolescentes, reflexionando sobre la visibilidad y subjetividad en la sociedad contemporánea, utilizando una metodología de investigación con observación participante en Redes Sociales. Los resultados muestran que estas redes, además de permitir la comunicación entre las personas, también se han convertido en un lugar de auto exposición corporal. La conclusión es que la visibilidad se ha convertido en una forma de producirse a sí misma que cumple con los estándares esperados por los espectadores.

PALABRAS CLAVES: Cuerpo; Imágenes corporales; Visibilidad; Adolescentes; Redes sociales.

REFERÊNCIAS

ARENDDT, H. Entre o passado e o futuro. São Paulo: Perspectiva, 1997. p. 248-281.

AUBERT, N. A visibilidade, um substituto da eternidade? In: AUBERT, Nicole. HAROCHE, Claudine. (orgs.) Tiránias da visibilidade. São Paulo: Editora Fap/Unifesp, 2013. pp. 111-123.



CONBRACE
CONICE 2021
DE 12/09 A 17/12

Educação Física e
Ciências do Esporte
no tempo presente:

Defender Vidas,
Afirmar as Ciências

CODO, W.; SENNE, W. A. O que é corpo (latria). São Paulo: Brasiliense, 1984.

HAROCHE, C. A invisibilidade proibida. In: AUBERT, Nicole. HAROCHE, Claudine. (orgs.) Tirantias da visibilidade. São Paulo: Editora Fap/Unifesp, 2013. p. 85-110.

